B O L E T I M

Nº1 DEZEMBRO 1989

Associação Portuguesa de Antropologia

Apresentação

Eis o primeiro número do Boletim da Associação Portuguesa de Antropologia: o seu principal objectivo é transmitir informações sobre assuntos e actividades da Associação, substituindo assim grande parte das cartas e circulares até agora utilizadas. Com periodicidade trimestral, o Boletim pretende também servir de elo de ligação entre os sócios da Associação e de espaço informativo sobre a Antropologia em Portugal; nos próximos números, e dependendo de um aumento do número de páginas, poder-se-ão incluir outras secções, como recensão crítica de um livro recém-publicado, debates em torno da mesma ou de um acontecimento, abordagens temáticas ou entrevistas, entre outras. Para já, esperamos da parte dos leitores as suas opiniões e sugestões, as quais terão todo o cabimento numa secção de correspondência.

os editores,
Miguel Vale de Almeida
Maria João Andrezo

Ensino e Antropologia

O grupo de trabalho sobre o Ensino e a Antropologia, tem-se reunido periodicamente. Esses encontros têm sido um local de reflexão sobre a situação, presente e futura, dos antropólogos e da antropologia, no ensino preparatório e secundário.

Vai este grupo de trabalho solicitar novas informações sobre a reforma curricular, pois constatou-se que o material utilizado (distribuído pelo M.E.) sofreu alterações pontuais.

Para que seja possível trabalharmos com uma base mais sólida, iremos tentar efectuar um recenseamento sobre os antropólogos e as suas actividades profissionais; para tal, e no respeitante ao ensino, julgamos ser possível contactar todas as escolas do país, e delas obter informações sobre o número de antropólogos que aí leccionam, e a situação profissional em que se encontram.

Uma base de trabalho numérica parece-nos ser extremamente útil, inclusive para apresentar no Ministério da Educação, cuja audiência será pedida em breve.

Depois de uma primeira audiência no Ministério da Educação, prevemos a realização de um encontro com todos os associados interessados, para os pôr ao corrente da situação e debatermos em conjunto esta problemática.

Qualquer informação que possuam sobre o assunto, que considerem pertinente, agradecemos que a comuniquem para a sede provisória da Associação.

boletim informativo
da associação portuguesa
de antropologia * a/c museu de
etnologia, av. ilha da madeira, 1400 lisboa

Quem são os membros da APA ?

Do total de 132 sócios da APA existentes em Setembro deste ano (número que, felizmente, aumentou substancialmente nestes últimos dois meses), tentámos identificar grupos distintos de actividade profissional e de origens académicas, de modo a termos uma ideia do impacto da APA, das zonas de maior aceitação e penetração e das zonas que carecem de esclarecimento sobre não só os objectivos como mesmo sobre a existência da Associação.

Obtivemos os seguintes resultados:

PROFISSÃO: Académica e/ou investigação e/ou docência no ensino superior: 59

: Ensino secundário e preparatório: 32

: Outros cargos no funcionalismo público: 16

: Outros cargos: 5

: Sem actividade referenciada: 12 + 8 casos pouco explícitos nas fichas de inscrição

FORMAÇÃO: FCSH/UNL: 54
ISCSP: 29
ISCTE: 7
OUTROS: História 3
Biologia 4
Ciências Sociais: 1 Univ.Livre
1 Bruxelas
Antropologia: 1 Louvain,
1 Amesterdão

A APA conta, neste momento, com um forte peso de académicos, expresso quer pela docência no Ensino Superior, quer pela carreira de Investigação. Trata-se, sem dúvida, de um reflexo do cariz académico que uma associação deste género contém inicialmente.

Quanto aos sócios que exercem a docência no ensino secundário e preparatório, são sobretudo recém-licenciados, de certa forma ainda ligados ao meio universitário da sua formação, motivados pelo impulso que a criação da Associação parecia vir a dar à resolução dos problemas profissionais pós-licenciatura.

No respeitante aos outros cargos do funcionalismo público, têm grande peso os técnicos museológicos. Este sector terá sido mobilizado, em parte, pelo facto de a Associação ter dado os seus primeiros passos no local físico do Museu de Etnologia e tomar a seu cargo uma política de revalorização/reinserção dos antropólogos neste meio,

Parece-nos, numa primeira impressão, ser necessário nos próximos tempos tomar em consideração a existência de necessidades diferentes destes três grandes grupos. Se, por um lado, as origens dos sócios em termos de formação académica estão equitativamente representadas (considerando as diferentes antiguidades dos cursos existentes e as diferenças numéricas entre antropólogos sociais e físicos), já, por outro lado, há que fazer um esforço no sentido de mobilizar um enorme número de recém-licenciados e licenciados dos últimos dez anos, na sua maioria docentes do secundário, fracamente representados na Associação. A sua dispersão, desilusão e perca de laços com o meio antropológico parecem ser explicações plausíveis. Mas há que não esquecer que o impulso primordial para esta

Associação surgiu no seio desse grupo, preocupado com a ausência de saídas profissionais realmente ligadas à antropologia.

Contamos, no próximo número, apresentar um quadro detalhado, com mais variáveis e baseado num universo mais vasto.

Ciclo de Aulas Públicas e Mesas-Redondas: "O Papel da Antropologia na Sociedade Contemporânea"

A Associação Portuguesa de Antropologia promove o seu primeiro seminário anual, cujo propósito será permitir aos seus sócios avaliar as condições e contextos da prática da antropologia na viragem do século XX. Assim, a Associação propõe-se organizar um seminário composto por quatro partes, cada uma destas constituida por uma aula pública de uma personalidade científica de relevo internacional a ser seguida por uma mesa redonda sobre a mesma temática para a qual serão convidados antropólogos portugueses.

LOCAL: Anfiteatro do Museu de Etnologia

PROGRAMA:

4/DEZ/89,18:00

Conferência Pública

Prof. Lisón Tolosana: "La Dialéctica Nación / Estado: L'Antropologia del Estraño".

5/DEZ/89,10:00-12:00

Painel-debate com o Prof.Lisón Tolosana

Tema: "A regionalidade e a comparação no contexto ibérico".

Painel: Raul Iturra (ISCTE)
João de Pina Cabral (ICS/UL)
Jorge Crespo (FCSH/UNL)
João Ferrão (ICS/UL)

6/MAR/90, hora a anunciar

Conferência Pública

Prof. A. Pitt-Rivers: "O Simbolismo Tauromáquico na Península Ibérica"

7/MAR/90, hora a anunciar

Painel-debate com o Prof.A.Pitt-Rivers

Painel: J.A.Fernandes Dias (ESBAL)
Luis Capucha (ISCTE)
Amélia Frazão Moreira (I.P.Vila Real)
Mª Lurdes Lima dos Santos (ICS/UL)

MEMORANDUM DO CONSELHO CIENTÍFICO SOBRE O MUSEU DE ETNOLOGIA DIRIGIDO AO PRESIDENTE DO IPPC

Respondendo ao desejo de diálogo manifestado pelo Senhor Presidente do IPPC à APA acerca do Decreto-Lei nº 248/89 de 8 de Agosto que cria o Museu Nacional de Etnologia, o Conselho Científico da mesma Associação vem deste modo expôr a S.Exa. opinião própria no referente a certos aspectos que lhe suscitam preocupação:

1. Abolindo presentemente um museu de Etnologia dedicado à investigação científica, o Decreto-Lei, no entanto, não garante de forma explícita o carácter científico do novo museu nem considera a necessidade de qualificação na área da Antropologia e Etnologia do seu pessoal dirigente. O Conselho Científico da APA considera tal garantia de primordial importância.

2. As atribuições do Museu Nacional de Etnologia, nomeadamente as referidas no artigo 2º, alínea a) do decreto em causa, não são suficientemente explícitas já que não se consigna expressamente o âmbito universalista do novo museu, factor que o Conselho Científico considera igualmente de primordial importância. O Museu de Etnologia tal como funciona hoje resulta de um percurso científico de uma equipa de investigadores que o qualifica como um organismo indispensável para a investigação e ensino da Antropologia em Portugal. O articulado do Decreto-Lei nº 248/89 não salvaguarda devidamente essa rica experiência científica. Pelas mesmas razões o Conselho Científico considera que os departamentos votados ao ensino e investigação da Antropologia em Portugal devem ser ouvidos sobre esta matéria.

3. No respeitante às atribuições referidas no artigo 2º, alínea d) e artigo 3º, entendemos que o carácter de museu como instituição eminentemente científica é largamente incompatível com o desejo de encorajar o turismo e o comércio de objectos artesanais. Esta última actividade deveria ser confiada a uma secção especial do museu, relativamente independente das outras actividades.

4. Finalmente consideramos que a noção de "certificados de qualidade e genuinidade" mencionada no artigo 3º é insustentável de um ponto de vista científico, pelo que deveria ser suprimida.

Lisboa, 6 de Novembro de 1989

ass., pelo Conselho Científico, Ernesto Veiga de Oliveira e Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia.

[texto editado pelo Boletim]

Conselho Científico

O CC da APA reuniu no dia 25.10.89, tendo começado por apreciar os candidatos a membros da APA apresentados àquela reunião: Carlos Alberto Afonso, João Manuel F.B.Bicker, Eugénia Maria Guedes P.Antunes da Cunha, Jill R. Dias, Margot Schmidt Dias, Rui Américo Moreira de Sousa Martins, Eduardo da Conceição Medeiros, Cristina Maria Padez, João Rocha Pinto, José Francisco Gandara Portela, Benjamim Enes Pereira, José Pereira Neto e Robert Rowland. Foi referido, a propósito das candidaturas a sócios, que a associação se prende a uma visão da Antropologia no sentido mais lato, pelo que os candidatos com treino no domínio da biologia, da paleoantropologia, da ecologia e da evolução humana têm lugar na APA,admitindo-se a criação, mais tarde, de uma secção respeitante a esta tendência. Todos os candidatos foram admitidos por unanimidade e, nos casos de Margot Dias, Benjamim Pereira, Jill Dias e Robert Rowland, o Conselho Científico decidiu por unanimidade exprimir o seu regozijo pela presença destes distintos colegas na Associação.

Quanto às actividades da APA, foram enunciadas as actuações ligadas a questões científicas (as 4 aulas públicas anuais e o seminário anual sobre Metodologia), a preparação do Boletim, considerando que a APA não está, ainda, em condições de lançar uma revista; O Dossier do Ensino estará pronto em breve, pelo que será solicitada, logo que possivel, uma 9qdiência ao Ministro da Educação; e, finalmente, foram referidos os contactos que estão a ser feitos para a elaboração de programas de rádio e televisão para a divulgação da Antropologia.

Por último, as questões suscitadas com as futuras alterações no Museu de Etnologia foram levantadas de forma consonante com os conteúdos do Memorandum publicado neste Boletim.

[esta notícia foi redigida livremente a partir da acta da reunião do CC da APA]

informações

A Associação Europeia de Antropólogos Sociais realizará o seu primeiro congresso entre 31 de Agosto e 3 de Setembro de 1990 no Museu e Laboratório Antropológico de Coimbra. O congresso incluirá uma aula inaugural por um antropólogo distinto, quatro painéis com conferencistas convidados e quatro painéis livres. As linguas do congresso serão Inglês e Francês. A Comissão Organizadora Nacional é composta por João de Pina Cabral, José António Fernandes Dias e João Bicker.

A Associação foi lançada em Roma em Fevereiro de 1989 com o apoio da Fundação Wenner-Gren, tendo-se então formado uma comissão instaladora presidida pelo Prof.Adam Kuper. Convidam-se todos os antropólogos sociais doutorados ou com obra publicada de reconhecido mérito a inscreverem-se na Associação. Todos os contactos deverão ser dirigidos para: EASA, a/c Museu e Laboratório Antropológico, Universidade de Coimbra, 3049 COIMBRA CODEX.

*

Está em fase de planeamento um Seminário sobre Métodos e Técnicas de Recolha Etnográfica, a cargo da equipa do Centro de Estudos de Etnologia do Museu de Etnologia. O Seminário será aberto a um número restrito de sócios, ainda por definir, mas que deverá rondar os vinte ou trinta, incluindo recém-licenciados, prevendo-se ainda a concessão de um certificado de participação. A data prevista para o Seminário é a Páscoa de 1990, mas informações mais definitivas serão dadas no próximo Boletim.

*

A APA vai propôr em breve a organização de um painel de Antropologia para o curso de Conservadores de Museus da ICOM/APOM, curso esse subsidiado pelo Fundo Social Europeu. Para mais informações, contactar J.A.Fernandes Dias (ESBAL e APA)

*

Estão a ser elaborados projectos e propostas de programas de rádio e TV sobre temáticas antropológicas, promovidos pela APA. Os contactos prévios com a RTP e a Rádio TSF estão a prosseguir, a cargo de Ana Cláudio, Graça Indias e Filomena Silvano

LIVROS

L'Identité Volée - Essais d'anthropologie sociale
José Carlos GOMES DA SILVA
Institut de sociologie, anthropologie sociale,
Éditions de l'université de Bruxelles, 1989
Preço:5165 Esc

O Processo Civilizacional,vol I
Norbert Elias
Publicações D.Quixote, colecção Anais, 1989
Preço:1800 Esc

Contos Tradicionais do Algarve, vol I
F. Xavier Athaíde de Oliveira
Prefácio de Maria Leonor Machado de Sousa
Ed. Vega, colecção Outras Obras, 1989
Preço:2850 Esc

Mértola - Vila Museu
Cláudio Torres e Luís Alves da Silva
Edição do Campo Arqueológico de Mértola com o apoio da Câmara Municipal de Mértola e da Associação de Defesa do Património de Mértola, 1989
Preço:3400 Esc

I Encontro Nacional Sobre O Património Industrial-Actas e Comunicações, vol I
Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial
Coimbra Editora, 1989
Preço:2500 Esc

Filhos de Adão, Filhas de Eva - A visão do mundo camponesa no Alto Minho
João de Pina Cabral
Pub. D. Quixote, colecção Portugal de Perto, 1989
Preço:2900 Esc

*

Encontra-se em fase final de preparação a obra Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira, uma obra colectiva com textos de antropólogos portugueses e estrangeiros que será sem dúvida um acontecimento editorial na área da antropologia já para 1990.

Duas referências, simultâneamente curiosas e importantes, á constituição da APA, chegaram ás nossas mãos. A primeira, do Bulletin da Society for the Anthropology of Europe, que é uma secção da American Anthropological Association :

ASSOCIACAO PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA

In February of 1989 a group assembled at the Museum of Ethnology in Lisbon to form the Associacao Portuguesa de Antropologia. The major aims of the group are to promote the integration of anthropological scholarship into the fabric of Portuguese life and to create relationships with the rest of the scientific community in Portugal. The association will also encourage international collaboration. Joao de Pina Cabral is the President, Jorge Crespo the Vice-President, and Fenando Santos the Secretary. The seat of the association is located at the Museum of Ethnology and correspondence should therefore be sent to:

Associacao Portuguesa de Antropologia
c/o Mueu de Etnologia
Avenida Ilha da Madeira
1400 Lisboa, PORTUGAL

A general assembly is planned for June 3, 1989, at the Museum. Membership checks (1.000$00) should be sent to the above address made out to the Treasurer of the Association Jose Antonio Fernandes Dias.

A segunda, na edição do Expresso de 18.11.89, reporta-se à tomada de posição da APA sobre as transformações que se aproximam para o Museu de Etnologia. Sobre este assunto ver "Reunião do Conselho Científico":

a de saber se terá sido esta a melhor resposta, e nós sentimos que não, de maneira nenhuma.»

A posição da APA parte do princípio claro que o objecto etnográfico não tem uma valor artístico ou estético que seja independente do seu valor social. Para Pina Cabral, tudo começa por depender da pessoa escolhida para gerir os destinos da nova instituição: «Se **for alguém predisposto a co-**

(Continua na página 88-R)

áreas como as do turismo e do comércio.

As primeiras críticas

As primeiras críticas vieram da Associação Portuguesa de Antropologia, que denunciou o decreto como uma tentativa de instrumentalizar o Museu de Etnologia para fins comerciais e turísticos e fazendo notar que o texto não referia qual o estatuto científico e profissional do futuro director. João

Associação Portuguesa de Antropologia

Na ocasião da publicação do primeiro boletim da Associação Portuguesa de Antropologia não será deslocado efectuar uma breve apologia da Associação e dos ideais que a movem. Para tal, no entanto, necessitamos de deitar uma olhada ao passado recente da nossa disciplina, de forma a podermos julgar como a antropologia se situa em Portugal nos nossos dias.

Como antropólogos portugueses reivindicamos uma longa e distinta herança cujos primórdios remontam ao movimento romântico dos princípios do século passado. É com justo orgulho que nos reconhecemos nas obras de Adolfo Coelho, Rocha Peixoto, Leite de Vasconcelos e Jorge Dias, entre outros. No entanto, tal como em todas as outras disciplinas académicas, os vários estilos de antropologia que hoje praticamos encontram-se muito distanciados dos que essas figuras concebiam como sendo antropologia, folklore ou etnologia - já que, na verdade, os antropólogos deste nosso fim de século devem tanto à primeira como às outras denominações disciplinares.

O grupo de pessoas que têm promovido a criação desta associação, no entanto, não o faz com a finalidade de impôr uma particular concepção da antropologia, bem pelo contrário. Para muitos de nós, até, dentro do âmbito alargado das ciências sociais e humanas, a noção de disciplinas claramente delineadas e auto-suficientes levanta mais problemas do que resolve. Tal não sugnifica, porém, que deixemos de reconhecer a existência de uma forte área de sobreposição de interesses entre os que nos apelidamos de antropólogos. Mais, é nossa convicção que se vislumbra um novo espírito de colaboração e de desenvolvimento que acompanha o surgir de toda uma nova geração de jovens antropólogos formados nas nossas escolas, agora de novo em pleno funcionamento. É este espírito que a Associação pretende servir, acreditando que, como área disciplinar amplamente definida, a antropologia tem um papel importante a jogar no Portugal do século XXI.

Por muito que se distancie dos interesses políticos de cada época, e tal como todas as outras disciplinas das ciências sociais e humanas, a antropologia encontra-se imersa numa temporalidade histórica à qual nunca poderá fugir. As profundas alterações sociais, políticas, económicas e ideológicas que se realizaram no nosso país nos finais dos anos '70 deixaram a antropologia portuguesa de rastos, como um campo de batalha perpassado por fantasmas e utopias cada um mais destruidor que o outro. Durante a década que agora termina, efectuou-se uma longa e por vezes dolorosa luta de reconstrução e renovação: construiram-se departamentos e renovaram-se museus; repensou-se a participação da antropologia no ensino secundário; reiniciou-se a investigação, agora segundo parâmetros mais contemporâneos, mais exportáveis. Finalmente, tornou-se de novo possível dialogar, isto é, debater, discordar, criticar construtivamente - sem que cada crítica seja um obus vocacionado à destruição total do oponente. Uma das principais funções da Associação é a criação de um forum, de um espaço de diálogo onde todos nos possamos reconhecer.

Outra observação há ainda a retirar deste breve olhar sobre o passado. Urge reconstruir uma imagem pública da antropologia sem a qual se tornará impossível promover as instituições antropológicas e encorajar a participação dos antropólogos no ensino ou na vida económica e administrativa nacional (e internacional - já que, também ao nível da cooperação, os antropólogos não têm sido chamados a contribuir como deveriam, pois estão particularmente vocacionados para o fazer.) Em última instância, talvez seja esse o maior desafio que confronta a Associação. Temos de demonstrar publicamente aquilo que todos os que se interessam pela antropologia sabem sem margem para dúvidas: nos anos '90, a antropologia em Portugal estará viva e activa. Em termos etários, será uma disciplina jovem e empenhada. Em termos institucionais, será uma disciplina baseada em organismos sólidos e modernizados. Em termos políticos, será uma disciplina em plena consonância com as diversas correntes internacionais, capaz de demonstrar que Portugal pode de novo fazer uma contribuição inovadora para o diálogo científico internacional. A realização em 1990 de dois importantes encontros internacionais em Coimbra (a 1ª conferência da Associação Europeia de Antropólogos Sociais) e em Lisboa (o inter-congresso da União Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas) é prova indubitável de dinâmica interna e de reconhecimento internacional.

João de Pina Cabral
Outubro 1989